

LITURGIA: UMA QUESTÃO DE FÉ (LITURGY: A QUESTION OF FAITH)

Prof. Dr. Pe. Valeriano dos Santos Costa
Diretor da Faculdade de Teologia-PUCSP

Resumo

Dizer que a Liturgia é questão de fé significa que o seu objeto é transcendente e tem a ver com Deus e com uma particularidade exclusiva, isto é, o ato mesmo de celebrar constitui um ato de fé. A liturgia não é apenas movida pela fé, mas ela é a própria fé em expressão, o que constitui uma dimensão muito peculiar.

Palavras-chave: Liturgia. Transcendente. Fé. Deus.

Abstract

To say that the liturgy is a question of faith means that your object is transcendent and has to do with God and with one unique feature, ie, the very act of celebrating an act of faith. The liturgy is not only motivated by faith, but it is their faith in words, which is a very peculiar dimension.

Keywords: Liturgy. Transcendent. Faith. God.

A disciplina Liturgia no Curso de Teologia da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, da PUC-SP, está alocada no Departamento de Teologia Sistemática e, mais especificamente, na Linha de Pesquisa: “Sistematização das Questões da Fé”. Isso quer dizer que, mais do que uma questão de prática, a Liturgia é uma questão de fé.

Afirmar que a Liturgia é uma questão de fé significa que o seu objeto é transcendente e tem a ver com Deus; tendo a ver, porém, com uma particularidade: o ato mesmo de celebrar constitui um ato de fé. A liturgia não é apenas movida pela fé, mas ela é a própria fé em expressão, o que constitui uma dimensão muito peculiar.

Podemos falar em três dimensões principais da fé: *fé acreditada* (Credo, dogmas, Sagradas Escrituras, Tradição, etc.), *fé praticada* (testemunho cristão) e *fé celebrada* (Liturgia).

A Teologia é constituída justamente de três Departamentos: Departamento de Teologia Fundamental, Departamento de Teologia Sistemática e Departamento de Teologia Prática. A Teologia Fundamental estuda os fundamentos da fé, segundo a Escritura e Tradição, a Teologia Sistemática alinha ou alinhava o nexo entre as verdades da fé (*nexa mysteriororum*). Aí se situa hoje a Liturgia. Por fim, a Teologia Prática estuda os sustentáculos teológicos das diversas aplicações da fé.

No saber sistemático da fé, o estudo da litúrgica se propõe a investigar a terceira dimensão da fé e sua incidência na vida e história, considerando que a fé celebrada tem a ver com a ritualidade pela qual o ser humano entra em particular comunhão com Deus, pois a Liturgia tem uma eficácia à qual nenhuma outra ação da Igreja se iguala.¹

A fé celebrada representa um conhecimento que tem os seus cânones bem elaborados e não podem ser de forma alguma, fruto de invenção ou improvisação. Investigar a natureza desses cânones e a sua autenticidade, sua gênese, bem como a incidência na vida e na história é o objeto da investigação litúrgica que, ao seguir a linha das questões da Sistematização da Fé, entre os vários focos de qualquer investigação, em nosso caso, pauta-se em dois focos principais: a) a beleza na liturgia; b) a ordem na liturgia.

A investigação sobre a *beleza na Liturgia*, enquanto celebração dos sacramentos e sacramentais, certamente, levará à conclusão de que se trata do prolongamento dos gestos de Cristo. Isto quer dizer que a beleza da liturgia não está, em primeiro plano, no aparato humano e exterior ao qual a liturgia, por funcionar em regime de sinais sensíveis, naturalmente tem de recorrer. Está, sim, na sua capacidade de prolongar os gestos de Cristo, que são belos por excelência. Somente o despojamento do humano pode permitir que a beleza divina apareça e transforme o humano. Como diz François CASSINGENA-TRÉVERY, “a liturgia é bela na medida em que, no despojamento completo, na renúncia total ao supérfluo, deixa aparecer os gestos fundamentais de Cristo e, de maneira ainda mais radical, deixa aparecer o Gesto em pessoa, o Gesto de Deus para nós, que é o Cristo mesmo”.² Portanto, a litúrgica não depende essencialmente do humano, mas do divino, ao qual se associa, compondo uma singular sinergia. Somente aí se pode encontrar o autêntico sentido teológico da beleza na liturgia, que tem nos gestos de Cristo a sua fonte. Aqui também se fundamenta a afirmação de que a Liturgia de fonte é a Liturgia celeste, na qual a liturgia terrestre inspira-se, como afirma, em toda sua obra, Jean Corbon³ e sugere o Vaticano II, quando afirma que “na liturgia da terra nós participamos, saboreando já, da liturgia celeste, que se celebra na cidade santa de Jerusalém para a qual nos encaminhamos como peregrinos...”.⁴

Trata-se de uma gestualidade simples e austera, na medida em que integra o escândalo da Cruz e a manhã da ressurreição. Isso significa que a liturgia, na sua forma exterior captada pelos cinco sentidos do corpo não pode ser tomada do realismo sangrento da Cruz nem de uma alegria pascal de cunho exagerado, pois a liturgia não exhibe, mas sacramentaliza e estiliza. Não há, por exemplo, realidade mais autêntica do que o Corpo e o Sangue de Cristo, visivelmente, apresentados sob a forma do pão e do vinho.

Os gestos de Jesus são os gestos do Belo Amor e primam pela qualidade e não pela quantidade, pela densidade e não pela expansividade, coincidindo com o que o Concílio Vaticano II chamou de “nobre simplicidade”.⁵

Então, na prática, são gestos sóbrios e grávidos do silêncio e da solenidade, mais do que de uma multidão de palavras, gestos e movimentos. Movimento, porém, no sentido centrípeto e não centrífugo, centrado e não dispersivo. Por isso, são gestos importantes, eficazes e plenos. É isso o que a beleza da Liturgia resgata com maestria.

Nesse sentido, nossos gestos são coordenados pelos gestos de Cristo, isto é, se entregam a Cristo para serem gestos de Cristo. O verbo entregar tem um peso muito significativo no contexto da celebração litúrgica.

A investigação sobre a *Ordem na Liturgia* mostrará como a liturgia é criadora de ordem, em todos os sentidos, e organizadora do espaço e do tempo à sua disposição, justamente porque beleza tem a ver com harmonia, e harmonia, com ordem. A Liturgia sugere sempre um caráter estruturado, hierárquico e corporativo. Ela não pode ser jamais apossada por grupos ou tendências que queiram marcar sua posição. Isso feriria a natureza da Liturgia e a esfacelaria.

Então se trata da Liturgia da Igreja, onde o todo o aparato conceitual, que constitui o Dogma, tem a beleza como sua única via de celebração. E aí reside o genio litúrgico do cristianismo.

Porém a ordem na liturgia não é uma invenção humana e, sim, a restauração da ordem que Deus imprimiu na Criação e que o pecado desfigurou. O Mediador desta ordem é Jesus Cristo.

Portanto, na Liturgia devemos entregar o nosso ser e o nosso tempo àquele que é o Senhor da vida e do tempo e, por isso, é o único que pode ordenar o tempo e o espaço de acordo com a ordem da Criação.

A ordem na liturgia tem um cunho centrípeto e funciona como resgate dos fragmentos de uma dispersão centrífuga. É um processo de interiorização e de concentração do macrocosmo no microcosmo celebrante.

Nesse sentido, a liturgia põe ordem em todo o mundo sensível e material e o assume com generosidade e entusiasmo, ressaltando seu sentido e sua beleza, antecipando o equilíbrio ecológico do mundo futuro e o inaugura numa autenticidade escatológica.

Então a liturgia põe ordem na humanidade e em cada pessoa individualmente. Mas para isso é necessário que nos deixemos ser possuídos, despojados e restaurados pela liturgia da Igreja.

Mais uma vez, a palavra entrega é fundamental para se entender a ordem na liturgia. Somente pode ser ordenado pela liturgia quem se deixa possuir por ela.

Considerando a questão da beleza e da ordem, veremos que há *dis-tonia* com a tendência rubricista, segundo a qual o “controle” da liturgia passa por um conhecimento aplicativo quase jurídico das rubricas. Isso se manifesta hoje de forma popular na tendência representada pela investigação do que é certo ou do que é errado.

As rubricas, ao contrário, como instrumentos a serviço da beleza e da ordem, assumem um papel preponderante. Devem ser conhecidas a fundo no seu caráter preceptivo ou “orientativo”, não simplesmente para sua execução precisa, mas para que delas se extraia o tesouro teológico escondido sob forma normativa, de tal maneira que a celebração seja o prolongamento da beleza dos gestos de Cristo e ordene o mundo e cada pessoa de acordo com a beleza que reinava na ordem da Criação. E mais do que isso, coloque todas as realidades numa perspectiva cósmica, libertando-as da dimensão caótica.

Somente um investigador desapaixonado e desvinculado de qualquer tendência ideológica pode ter acesso a esse tesouro e mostrar que as rubricas não se enquadram nos parâmetros do “certo” ou do “errado”, pois a liturgia não é uma questão moral, mas uma questão de fé.

A pergunta pelo que norteia o teólogo da Liturgia ressalta o que mostra ou esconde a beleza dos gestos de Cristo, ou o que põe ordem no espaço e no tempo, no mundo e nas pessoas em detrimento do caos que nos cerca. Liturgia, então, põe ordem no caos e instaura a harmonia “criacional”. Esses devem ser os parâmetros que norteiam qualquer nível de investigação litúrgica, seja de curso acadêmico ou de uma formação pastoral.

Bibliografia

- BARAÚNA, GUILHERME, *A Sagrada Liturgia Renovada pelo Concílio, Estudos e comentários em torno da Constituição Litúrgica do Vaticano II*, Petrópolis: Vozes, 1964.
- BRAGANÇA, Joaquim O. *Liturgia e espiritualidade na idade média*. Lisboa: Unviversidade Católica Editora, 2009, 666p
- CASSINGENA-TRÉVERY, François. *La belleza de la Iturgia*. Salamanca: Sigueme, 2008.
- CNBB, *Por um Novo Impulso à Vida Litúrgica*, São Paulo: Paulinas, 1988.
- CNBB, *Adaptar a Liturgia, Tarefa da Igreja*, São Paulo: Paulinas, 1984.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a sagrada liturgia*. In *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 33-79.
- CORBON, JEAN, *Liturgia de Fonte*, São Paulo: Paulinas, 1981.
- COSTA. Valeriano Santos. *Celebrara eucaristia: tempo de restaurar a vida*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- COSTA. Valeriano Santos. *Liturgia das Horas: celebrar a luz pascal sob o signo da luz do dia*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- COSTA. Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação: Participação litúrgica segundo a Sacrosanctum Concilium*. São Paulo: Paulinas, 2005.

Prof. Dr. Pe. Valeriano dos Santos Costa

Diretor da Faculdade de Teologia-PUCSP

NOTA

¹ SC 7 (SC é a sigla do documento conciliar: *Sacro Sanctum Concilium*).

² CASSINGENA-TRÉVERY, François. *La belleza de la Iturgia*. Salamanca: Sigueme, 2008, p. 24.

³ CORBON, JEAN, *Liturgia de Fonte*, São Paulo: Paulinas, 1981.

⁴ SC 8

⁵ SC 34